

# SBA

REVISTA DE CULTURA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

EDIÇÃO Nº2 • SEMESTRAL • MAIO 2021 • PVP 6,50€

06

MOINHOS DO MEU RECORDAR!

*José d'Encarnação*

14

SÃO BRÁS DE ALPORTEL E JOÃO DE DEUS

*José Belchior*

22

PRAÇA  
OS PRIMEIROS AMORES

*César Correia*

28

SÃO BRÁS DE ALPORTEL E O PIONEIRISMO  
DA MODERNIDADE

*José Correia Martins*

36

A ÚLTIMA FRONTEIRA

*Dora Gago*

38

A RABAÇA

*Virgílio Martins*

44

PRIMAVERA

*Júlia Neves*

48

IDA A BANHOS

*Francisco Neves*

52

O MUNDO DA ALFARROBEIRA  
E DA ALFARROBA

*José Amândio Afonso Pereira*

62

UM CONCELHO DO ALGARVE CALCÁRIO

*Gonçalo Duarte Gomes*

71

BIBLIOTECA MUNICIPAL “DR. MANUEL  
FRANCISCO DO ESTANCO LOURO”

*Olga Gago & Teresa Oliveira*

## EM JEITO DE APRESENTAÇÃO

Alguém nos escrevia «Quero ver se não adormeço e passo logo pela papelaria para ficar com o nº 2». Garantimos que avisaríamos com tempo; mas este desabafo consubstancia, em nosso entender, o bom eco que teve o 1º número – pela oportunidade e qualidade do seu conteúdo. Estamos, pois, bem gratos pelo acolhimento recebido.

As apreciadas capas do n.º 01 e do n.º 02 de **S B A Revista de Cultura** são da autoria de José Amândio Afonso Pereira, nosso estimado colaborador. Homem com atividade profissional e cultural diversificada, tem uma vida de luta por ideais de um mundo melhor, conciliando trabalho e cidadania ativa com plurais manifestações de cultura. Viajante curioso, observador atento, construiu no monte paterno uma cidadela de cultura. As suas pinturas e desenhos constituem vasto património de que São Brás de Alportel se deve orgulhar.

De forma simples, mas deveras gratificante, queremos, pois, agradecer a todos os colaboradores que tornaram possível este sonho da edição em papel da **S B A Revista de Cultura**.

As inúmeras manifestações de agrado e de incentivo recebidas de vários quadrantes do Algarve repartem-se por todos. Só com um plural trabalho de equipa foi possível dar corpo a uma ideia que fervilhava há anos e cuja concretização veio preencher uma lacuna cultural em São Brás de Alportel. Ficamos satisfeitos.

E cá estamos de novo, a celebrar assim, à nossa maneira, a passagem de mais um aniversário do nosso concelho.

Depois de um relancear de olhos pelos moinhos e seu significado aqui e por esse Portugal além e as iniciativas levadas a cabo para os preservar como memória, evocam-se as óptimas relações que houve entre S. Brás e o celebrado autor da Cartilha Maternal, João de Deus. Uma evocação bem ilustrada e significativa.

«Ainda antes da hora, colado entre duas cantarias, esperava, pacientemente, as badaladas reveladoras do êxito da operação» – desta forma se conta, depois, uma cena dos 'primeiros amores', o encontro marcado para a meia-noite. Sedutor, esse retrato da Praça Velha!...

E quem diria que, nos primórdios do século XX, o concelho acabara de nascer, personalidades são-brasenses não tivessem ficado alheias ao movimento cultural

do País? Vale a pena recordá-las! Carlos Porfírio, José Dias Sancho, Roberto Nobre...

Pode estranhar-se a inclusão, de seguida, do conto «A fronteira». É que a sua autora, Dra. Dora Gago, são-brasense de gema, está em Macau e o conto relata, por conseguinte, uma das cenas que a sua imaginação connosco partilhou, tendo em conta o ambiente em que ora vive. Abre-se, assim, espaço, à narrativa de situações passíveis de ocorrer nos lugares da mui variada diáspora são-brasense.

Poderá parecer estranho que, num rol de textos de índole cultural *stricto sensu*, surja um sobre uma planta, ainda por cima venenosa! Tem essa inserção um duplo significado: é que entendemos por «cultura» não apenas as artes e as letras mas também as ciências, entre as quais, a Botânica se inclui. E, nesse caso, com maior razão, por se descreverem em pormenor as características físicas e as cautelas a ter em relação a uma planta da nossa serra, passível de ser confundida com algumas outras que são comestíveis. Numa altura em que se preconiza o retorno à Natureza e, por outro lado, o recurso a tantas plantas de uso comestível e medicinal que nossos avós tanto prezavam, este olhar atento que Virgílio Martins nos proporciona tem, numa revista de cultura, pleno cabimento. E muito lhe agradecemos esse novo olhar!

«Ó cuco, quantos anos me faltam para casar?» – um dos instantâneos presentes numa outra evocação, a da Primavera são-brasense!

E, claro, não podia faltar a história da ida a banhos. Como é que nesses primórdios do século XX, os são-brasenses iam à praia de Quarteira. Recordações boas!

A alfarroba e tudo o que se lhe refere mereceu páginas de excelente recorde descritivo. Estamos mesmo a ver toda essa azáfama. Não poderíamos deixar de aqui a retratar em pinceladas seguras e bem sugestivas. Para a história.

Era São Brás de Alportel “muito fresco e fértil de pão, de infinita caça e frutas” – esta, uma das eloquentes referências a que se terá acesso de seguida, no artigo que apresenta S. Brás como «Um concelho do Algarve calcário». Geologia e não só, como se verá.

Por fim, os 20 anos de profícua e mui eficiente actividade da nossa biblioteca municipal, rumo ao futuro, numa perspectiva de o mui saudável hábito da leitura chegue aos mais recônditos recessos do nosso concelho.

**Os responsáveis pela edição**



## MOINHOS DO MEU RECORDAR!



*Moinho da Fonte da Murta - Entre o mato espontâneo e o azul límpido do céu  
Foto de Vítor Barros*

Outrora como hoje, a quilómetros de distância, eles se impõem na paisagem do meu pensar.

Eu vinha à casa de trás, não era açoteia mas era como se fosse, e olhava para a banda dos Vilarinhos, espraivava o sonho por ali, a imaginar as gentes que moravam naquelas casas sempre impecavelmente caiadas de branco, se calhar, algumas de parentes meus que eu nem sequer conhecia...

Ao fundo, seria para noroeste, já quase para as bandas de Loulé (Loulé era para ali, não era?), os moinhos do Malhão. Sempre meu avô e meu pai

me falaram do Malhão; eu nunca lá fui e achava que era terra meio nos confins do mundo... Eu via-os do pátio da minha avó, no Cerrito. Quais fortalezas antigas, creio que nunca os vi de velas a rodar. Destoutro lado, mais para as bandas da Galheira, também havia um moinho. Sentinela, achava eu, a vigiar a serra que se estendia para além, bem cheirosa a giestas e medronheiros e... era um cheiro bom, imaginava eu!

Os moinhos da Fonte da Murta, esses é que estavam mais perto. Não tenho a certeza, mas

acho que, na década de 50, ainda os vi moer. Nunca lá fui, que a ladeira era íngreme, não carecíamos de mandar moer trigo, que o milho para as papas era a avó Bia dos Santos que o moía de mansinho, à mão, roda que roda, na mó aconchegada na seira de esparto...

Moleiros também nunca os vi, nesses períodos em que ia ao Corotelo de férias. Tive um colega de escola que se chama Cândido Pinto Moleiro; decerto, foram moleiros os seus antepassados e o nome da profissão deu em nome próprio, como amiúde acontece. Nunca os vi os da Fonte da Murta; imaginava, porém, como seriam, porque os via aqui, em Cascais, meio enfarinhados, os que vinham da Malveira, povoação espalhada, qual presépio, pela encosta meridional da serra de Sintra, em cujos cumes eu via – aí, sim! – velas a girar, a girar, pano em triângulo como o das caravelas dos Descobrimentos. Será que também eles, os moinhos, assim diante do Atlântico que lhes estava quase aos pés, será que gostariam de partir mar afora? Os da Fonte da Murta não me admiraria que tais sonhos acalentassem, porque dali bem adivinhavam a ria de Faro, além...

Jazem agora, sem velas nem tecto nem o madeirame interior que, por artimanhas ancestrais, transformava em horizontal o movimento vertical que o vento gostava de gerar. E as pesadas mós trituravam, trituravam...

Só mais tarde é que vim a saber por que é que, de um modo geral, os moinhos estavam dois a dois. Julgava eu que era para fazerem companhia um ao outro, que isso de estar no cimo da colina, ao sabor do feroz fustigar de vento, sempre era mais fácil de sofrer acompanhado que sem irmão por perto. Sim, a companhia prezava-se; mas as mós eram diferentes para objectivos

diversos: um para o rolão, outro para a farinha fina. Nessa altura, não havia questões dietéticas nem pruridos de modas e comia-se o pão de rolão porque não havia dinheiro para comprar o outro; e não se partilhava essa farinha grosseira com os animais, num saboroso alguidarinho de sêmeas para galinhas e porcos? Pão de rolão. O que hoje se diz, solenemente, pão integral. Não sei donde virá «rolão» – do que primeiro se apanha quando se rala o cereal? Talvez. Pois aos pares estão normalmente os moinhos. Os da Fonte da Murta estão.

E quando, agora, já septuagenário, eu os observo, fortes no seu redondo, assim construídos também para mais fácil o vendaval se roçar por eles sem os minar, além das recordações da infância ou, se calhar, por mor delas e por esta veia de prezar o património e ter olhos de museólogo impenitente, eu imagino como seria engraçado voltar a ver essas velas brancas a girar!

Do Cerrito só em condições atmosféricas excepcionais de vento noroeste é que as ouviria cantar, como se ouvem os dois ou três moinhos que nos encantam junto à A8 a caminho da Região Oeste. No forte girar das velas embarcariam sonhos, memórias e até – quem sabe? – a possibilidade de, na merenda do dia seguinte, haver panito quente com doce de marmelo ou mesmo banha de porco ou azeite do bom com açúcar amarelo, quem se ralava com isso?!... Que o ressuscitar dos moinhos tinha de implicar – oh! se tinha! – a reutilização do forno a lenha lá de casa, a aproveitar tojos e carrascos e esteva e sei lá o quê mais que o meu vizinho Zé Romão ia com o macho acarretar lá na serra!...

Esse halo quase mágico que se desprende dum moinho, sobretudo pela sua posição

altaneira, de senhores a dominar a paisagem. Como os faróis. A ambos imaginamos repletos de carisma, uns senhores que sabem dialogar com as tempestades, os trovões, os aguaceiros e nem os relâmpagos os assustam... O farol ainda está alto, mais franzino, poderia temer uma rajada maior; agora o moinho, o moinho tem paredes

bem sólidas e até o cavername – não é esse o nome, bem no sei, mas apetece-me chamar-lhe assim – na sua esbelta forma de cone fizeram-no de madeira resistente. Ai, temos o eixo e os varões das velas! Mas esses são finos e riem-se das cócegas das bâtegas e do bater estuporado do vendaval.

## Ressurreição

Sim, de facto, dou comigo a imaginar amiúde como seria engraçado voltar a ver essas velas brancas a girar!

Por isso se criou a Molinologia, como ciência dos moinhos, mas, sobretudo, como ciência para preservar os moinhos, termo cuja paternidade

se atribui a João Miguel dos Santos Simões, o primeiro que o terá utilizado em 1965 e que reuniu entre nós investigadores e entusiastas dos moinhos tradicionais, reunião considerada precursora da TIMS – The International Molinological Society.



*Interior do Moinho da Quintinha (Santiago do Cacém)*

Claro, a noção de ‘moinho’ passou a generalizar-se, que ‘moinho’ era, a princípio, apenas esse cilindro do cimo do monte e também a azenha, cujas mós era a água corrente de rios e ribeiras que as movia, e os moinhos de maré do Montijo ou da Ria Formosa, movidos pelo balancear das marés.

Pode definir-se a Molinologia como «uma área de estudo da Etnotecnologia que se dedica ao conhecimento dos moinhos tradicionais nos seus aspetos técnicos, sociais e culturais». Primeiro, «etnotecnologia», ou seja, o estudo que relaciona o modo de operar com o povo que o adoptou. Depois, «tradicionais», não os que resultam de novas técnicas, deixando de parte a força motriz do vento que passa ou da água que se precipita. Finalmente, o reconhecimento de que, além dos aspectos técnicos, que o moleiro bem conhece, há, em torno do moinho e do seu funcionamento, uma sociedade, uma cultura.

Foi a equipa que esteve na origem do que é hoje o Museu Nacional de Etnologia que mais se interessou pelo estudo e preservação dos sistemas de moagem: Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Enes Pereira (deixou-nos este último a 2 de Janeiro de 2020). Recorde-se o livro, da autoria de toda a equipa, *Tecnologia Tradicional Portuguesa: Sistemas de Moagem*, editado, em 1983, pelo Centro de Estudos de Etnologia, exaustiva recolha do que por esse Portugal de mais significativo se encontrava.

E se não vamos ao extremo de declarar *Portugal Terra de Moinhos*, título da obra de Jorge Augusto Miranda editada pela Chronos Editora (2008), certo é que não haverá colina acessível e ventosa que não esteja coroada por um desses tradicionais equipamentos. Aqui, em Cascais, o logótipo da Junta de Freguesia de Alcabideche tem um moinho de vento como motivo principal, não apenas por ser, de facto,



*Logótipo da Junta de Freguesia de Alcabideche*

«terra de moinhos» (e, aqui, o vento bem sopra da Serra de Sintra!...), mas porque em Alcabideche nasceu, no século XII, Ibne Mucana, o poeta árabe que, depois de ter passado boa parte da sua vida nas cortes da Andaluzia, nos reinos de taifas, decidiu abandonar esses salões faustosos e de muito artifício para regressar à sua terra e ali se dedicar à agricultura:

«Deixei os reis cobertos com os seus mantos, deixei de ir em seus cortejos. Convertei-me, em Alcabideche, em colhedor de espinhos com uma foice guarnecida e afiada. E se me perguntam: Gostas? Respondo-lhes: “O amor à liberdade faz parte do coração nobre”».

É dele, pois, a primeira referência a moinhos de vento na Europa, porque deles fala num dos seus poemas, de uma forma plena de encanto, porque a eles se refere como sendo «a nora das nuvens». Os Árabes sabiam da nora; mas estas noras – os moinhos – eram movidas não pela água mas pelo vento!...



## Os «Moinhos Abertos»

«Moinhos Abertos» é uma iniciativa de alcance nacional e ampla divulgação que nasceu em 2007 com o objectivo de chamar a atenção dos Portugueses para o inestimável valor patrimonial dos nossos moinhos tradicionais, por forma a motivar e coordenar vontades e esforços de proprietários, organizações associativas, autarquias locais, museus, investigadores, molinólogos, entusiastas e amigos dos moinhos.

A ideia consiste em pôr a funcionar em simultâneo e abrir ao público tantos moinhos

quantos for possível em todo o País, a 7 de Abril, Dia Nacional dos Moinhos. Este dia, além de chamar a atenção para os moinhos tradicionais portugueses, serve também para identificar problemas e oportunidades, fazer germinar projectos e ideias ou mesmo para levar a cabo pequenas beneficiações (limpezas, pinturas, concertos de coberturas, etc.) com a participação de activistas e visitantes que o pretendam, preservando os moinhos e criando dinâmicas de desenvolvimento em torno deles.



*Moinhos da Pousada de São Brás*

Em 2009, segundo os dados recolhidos pela organização participaram na iniciativa: 135 moinhos de 56 núcleos moageiros; 83 organizadores, proprietários de moinhos e moleiros; cerca de 6000 visitantes; 13 distritos do Continente e Açores e 36 municípios.

Nesse programa de revitalização se insere o que a autarquia são-brasense em boa hora levou a efeito em relação ao Moinho do Bengado.

Longe de mim a veleidade de algo ousar sugerir para preservar os nossos moinhos, porque, imagino, não serão muitos os que vêm neles ruínas a valorizar. Temos já, porém, esse bom exemplo: o Moinho do Bengado. Dele se escreve na página do município:

«Restaurado recentemente, o Moinho do Bengado aguarda a sua visita, para lhe contar as velhas histórias do tempo em que as suas velas davam ao povo o pão de cada dia.

»Moinho de tipo mediterrânico, fixo, construído em pedra e com forma cilíndrica e uma área de 42,50 m<sup>2</sup>, o moinho constitui um exemplo de moinho de cabresto, o mais antigo sistema de tração por meio de corda e com recurso a marcos, para rotação do tejadilho, em busca do melhor quadrante.»

Bonita apresentação, como bonitas são as imagens que dele se mostram também no folheto bilingue que expressamente lhe é dedicado, onde se acrescenta, em relação ao texto atrás transcrito, que «é constituído por piso térreo e sobrado», como é, resto, habitual, e «tem uma porta, virada a nascente e duas janelas». «Antigamente», acrescenta-se, «tinha nas suas velas búzios de barro que se escutavam ao longe, no silêncio da noite». Era a sua poesia a ecoar pelas quebradas, numa canção de esperança: da farinha saíria o pão e a fome para mais longe tinha de ir!...



*O moinho do Bengado recuperado*



*Interior do Moinho do Bengado*

Em 2010 – a exemplo do que já acontecera em anos anteriores – o Moinho Municipal da Quintinha, situado nas Cumeadas, integrado na cintura moageira pré-industrial da cidade de Santiago do Cacém, voltou a associar-se ao Dia Nacional dos Moinhos. Um moinho adquirido pelo município, em cujo território se identificaram cerca de 70 moinhos, sendo 50 de vento e 20 de água, caracterizados por cinco tipologias diferentes.

Trata-se de um moinho de alvenaria, de torre troncocónica e capelo giratório accionado por um sistema de sarilho. Desde 1982 que a autarquia o mantém a funcionar. Sempre que as condições climáticas o permitem, os visitantes podem observar o processo de moagem tradicional dos cereais, da qual se encarrega um antigo moleiro.

O grão moído pertence a pessoas que

habitam na zona rural e ainda mantêm a tradição de ir ao moinho moer os seus cereais, utilizando a farinha para fazer pão caseiro, as papas de milho e para a alimentação de alguns animais domésticos. O pagamento pela prestação deste serviço continua a ser, tal como há séculos, consoante a quantidade de grão trazida pelo cliente.

Mui prestigioso exemplo, este, do princípio de uma escola de Molinologia, a primeira do género.

De Tavira, mais perto de nós, recordo o ano de 2011, em que, também no âmbito da comemoração do Dia Nacional dos Moinhos e da iniciativa “Moinhos Abertos” da Rede Portuguesa de Moinhos, o Museu Municipal de Tavira/Palácio da Galeria propôs a descoberta da actividade moageira da freguesia de Cachopo, convidando a comunidade a visitar o Moinho



do Cachopo, para junto dele ouvir histórias e lendas de moleiros; observar pausadamente os processos construtivos tradicionais na execução das estruturas moageiras; sentir mais de perto o que foram os ofícios e os saberes ancestrais. Chamou, pois, para essa 'faina' Custódio Campos (moleiro), Hermínio Guerreiro (moleiro), Manuel João (mestre construtor), Manuel Simão (moleiro), Marta Santos (arquitecta) e Nereide Guerreiro (padeira). Uma sadia jornada a aprender tradição!

## *Em suma*

A população e as autarquias estão a compreender. A memória, a identidade, a vida não passa – não se passou! – apenas no fausto dos palácios de que falava Ibne Mucana ou na preservação das muralhas cujas ameias sofreram, pacientes, os golpes das setas ou das pedras que catapultas lhes atiravam.

S. Brás de Alportel nem muralhas precisou de ter, terra aberta a quantos a queriam habitar. Palácio, só o dos senhores bispos que, no Verão, preferiam o seu aconchego. Tem, no entanto, noras, azenhas, moinhos – que, esses sim, é que sempre estiveram de mãos dadas com o Povo, a dar-lhe água, a proporcionar-lhe pão.

O Povo, porém, deixou cair as mãos, achou que deles já não precisava mesmo, divorciou-se. Moinhos, azenhas e noras sofreram em silêncio a solidão. Tristes, roíam-nos as saudades de ter búzios a cantar nas velas, água a cair dos alcatruzes, a bofetada boa da levada fresca que lhes movimentava as mós...

Divórcio sem propósito, este, porque as partes não souberam dialogar, em vista de uma reconciliação possível.

Tempo é sempre, todavia, de a encarar sem preconceitos! Na reconfortante esperança de ainda mais feliz existência a dois!...



*O moleiro prepara o velame no recuperado Moinho da Quintinha (Santiago do Cacém)*

*José d'Encarnação*



# SBA • REVISTA DE CULTURA

## DIRETOR

José d'Encarnação

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

José do Carmo Correia Martins  
José Manuel Antonino Belchior

## COLABORAM NESTA EDIÇÃO

César da Luz Dias Correia  
Dora Nunes Gago  
Francisco Dias Neves  
Gonçalo Duarte Gomes  
José Amândio Afonso Pereira  
José d'Encarnação  
José do Carmo Correia Martins  
José Manuel Antonino Belchior  
Júlia da Graça Guerreiro Dias Neves  
Olga Gago  
Teresa Oliveira  
Virgílio Martins

## CAPA

José Amândio Afonso Pereira

## PAGINAÇÃO

Telma Clara

## TIRAGEM

160 Exemplares

## PERIODICIDADE

Semestral

## N.º DE REGISTO NA ERC

127504

## PROPRIETÁRIO/EDITOR

José do Carmo Correia Martins  
as1646267@sapo.pt

## SEDE & REDAÇÃO

José do Carmo Correia Martins  
Sítio do Farrobo, 956 A  
8150-032 São Brás de Alportel

## IMPRESSÃO

Pixartprinting  
Via 1º Maggio, 8  
30020 Quarto d'Altino VE  
Itália



ILUSTRAÇÃO DE JOSÉ AMÂNDIO AFONSO PEREIRA